

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

NICOLE MARIA DOS SANTOS MELLO

DRE: 116150694

O APAGAMENTO DO RÓTICO EM PORTO UNIÃO (SC): UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE A CAPITAL FLORIANÓPOLIS E O INTERIOR DE SANTA
CATARINA
(PROJETO ALiB)

Rio de Janeiro

2021

NICOLE MARIA DOS SANTOS MELLO

**O APAGAMENTO DO RÓTICO EM PORTO UNIÃO (SC): UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE A CAPITAL FLORIANÓPOLIS E O INTERIOR DE SANTA
CATARINA
(PROJETO ALiB)**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
parte dos requisitos necessários para a conclusão
do curso.

Orientadora: Profa. Dinah Maria Isensee Callou

Co-Orientadora: Profa. Doutora Carolina Ribeiro
Serra

Rio de Janeiro

2021

CIP - Catalogação na Publicação

dm527a dos Santos Mello, Nicole Maria
O APAGAMENTO DO RÓTICO EM PORTO UNIÃO (SC): UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A CAPITAL FLORIANÓPOLIS E O INTERIOR DE SANTA CATARINA (PROJETO ALiB) / Nicole Maria dos Santos Mello. -- Rio de Janeiro, 2021.
32 f.

Orientadora: Dinah Callou.

Coorientador: Carolina Ribeiro Serra.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciatura em Letras: Português - Literaturas, 2021.

1. Distribuição e cancelamento do rótico em Porto União (SC). 2. Sociolinguística variacionista. 3. Projeto ALiB. I. Callou, Dinah, orient. II. Ribeiro Serra, Carolina, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

À professora Carolina Ribeiro Serra, que em muito me ajudou e incentivou nesses anos de pesquisa, sempre buscando o melhor para seus alunos. Desde o meu primeiro período na faculdade, no curso de variação, já se tornou uma referência para mim, com suas aulas realizadas com maestria. Nunca imaginaria que a professora da única matéria que assisti às aulas, na primeira semana de faculdade, se tornaria minha orientadora no futuro. Não teria como eu ser mais bem orientada!

Aos meus professores ao longo dessa jornada de graduação. Sem a dedicação de vocês eu não teria vivenciado todas as excelentes experiências que guardo nesses anos de Faculdade de Letras.

Ao Projeto ALiB, que sem os seus trabalhos de pesquisa e entrevistas por todo o Brasil esta monografia não seria viável.

Ao meu namorado, Lucas Vieira, por todo o apoio e incentivo, desde o começo da graduação, e por acreditar sempre no meu melhor.

A todas as minhas amigas, Carol Freire, Ana Verônica, Thalia Martins e Gentil Guedes. Às minhas amigas da graduação, Gabriela Muniz e Carolina Huguenin, sem vocês esse percurso não teria sido tão agradável e leve. Em especial, ao meu amigo Caio Korol, que caminhou junto comigo nessa empreitada de pesquisa, nas apresentações de trabalho, sempre com muita paciência e carinho.

Ao professor Marcelo Melo e às professoras Dinah Callou, Silvia Brandão, Cláudia Cunha e Eliete Batista pelas avaliações e ricas sugestões em apresentações de trabalho ao longo de todo o tempo em que faço parte da iniciação científica.

A toda a minha família, que me deu suporte por toda a minha vida e sempre me incentivou a estudar e a buscar sempre o melhor em relação à educação. Sem vocês eu não estaria aqui hoje, na melhor Universidade do Brasil.

Ao CNPq/UFRJ, pela bolsa de iniciação científica concedida.

RESUMO

MELLO, N. M. S. **O apagamento do rótico em Porto União (SC): um estudo comparativo entre a capital Florianópolis e o interior de Santa Catarina (Projeto ALiB)**. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2021.

No que se refere à formação sociohistórica, sabemos que o território de Porto União (Santa Catarina) começa a ser ocupado em 1842, com a descoberta de uma região de pouca profundidade do Rio Iguazu, que facilitava a passagem de tropas; porém o município só é criado oficialmente em 1917, como consequência do acordo de limites entre Paraná e Santa Catarina. Este trabalho busca descrever, portanto, o comportamento linguístico dos falantes de Porto União (PU), relativamente aos tipos de realização do rótico em coda silábica final (incluindo a possibilidade de cancelamento) – tanto em verbos (manejaR ~ manejaØ) quanto em não-verbos (floR~ floØ), e compará-lo ao de Florianópolis (capital de SC) e ao de outras cidades do interior do estado já estudadas. A cidade está localizada a aproximadamente 430 km da capital e, sendo bastante interiorana, em hipótese, pode apresentar comportamento diferenciado em relação à Florianópolis. O estudo de Santana (2017), referente às três capitais do Sul do Brasil, revela, para Santa Catarina, altos índices de apagamento, tanto em verbos (94%) como em não-verbos (41%), além da presença de variantes fricativas do rótico, consideradas inovadoras. Portanto, com as capitais já descritas, esta monografia se enquadra na empreitada maior de mapeamento do comportamento linguístico de 225 pontos interioranos do Brasil, no âmbito do Projeto ALiB, *Atlas Linguístico do Brasil*. Este é um estudo variacionista que toma como base o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística quantitativa (LABOV, 1994) para a investigação dos fatores linguísticos e sociais atuantes no processo de diferenciação e cancelamento do R (análise estatística: GoldVarb X). São utilizadas amostras de fala semiespontânea do Projeto ALiB, de indivíduos com o ensino fundamental (completo ou incompleto), estratificadas por sexo (masculino e feminino) e idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos). As variáveis linguísticas consideradas são as seguintes: classe morfológica (verbos e não-verbos), dimensão do vocábulo com R final (monossílabos e polissílabos), vogal do núcleo (cada uma delas) e contexto fonético subsequente (consoante e pausa). Os resultados mostram que a aproximante retroflexa é a variante do rótico mais frequente em Porto União, tanto para verbos como para não-verbos, diferentemente do que acontece em Florianópolis, onde prevalecem as variantes fricativa velar e tepe. O apagamento do R em verbos é de 96%, de um total de 370 dados, e em não-verbos é de 22%, de um total de 110 dados, em PU. Na categoria dos verbos (*input* geral: 0.96), nenhuma variável foi selecionada na rodada estatística, o que indica que estamos diante de uma mudança sonora em curso, sendo o apagamento do rótico semicategórico e não estando mais sensível às variáveis supracitadas. Já na categoria dos não-verbos (*input* geral: 0.22), foi selecionada apenas a variável contexto fonético subsequente, em que as consoantes favorecem o processo de apagamento, com peso relativo de 0.63, enquanto o contexto de pausa desfavorece, com peso relativo de 0.30. Nesta categoria, portanto, a regra se apresenta tipicamente variável.

Palavras-chaves: Distribuição e cancelamento do rótico, Sociolinguística Variacionista, Projeto ALiB, Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figuras 1 e 2: Distribuição do cancelamento do rótico em coda final em verbos (esquerda) e nomes (direita) – Cartas F04 C1 e C2, Cardoso *et al.* (2014)

Figuras 3 e 4: Distribuição das variantes do rótico em coda final em verbos (esquerda) e em não-verbos (direita) - Cartas F04 C3 e C4, Cardoso *et al.* (2014).

Figura 5: Localidades das seis cidades de Santa Catarina em questão neste trabalho (V= verbos e NV= não-verbos). Fonte: <https://www.v-brazil.com/tourism/santa-catarina/map-santa-catarina.html>

Gráficos e quadros

Gráficos 1 e 2: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos (esquerda) e em não-verbos (direita) de Porto União (SC).

Quadro 1: Distribuição das variantes do R em verbos e não-verbos da capital Florianópolis e outras cidades do interior de Santa Catarina já estudadas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das variantes do R em coda silábica externa de verbos e não-verbos, respectivamente, em Porto União (SC).

Tabela 2: Distribuição do apagamento do R em coda externa nos não-verbos de Porto União (SC) de acordo com o contexto subsequente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1 A variação dos róticos no Sul do Brasil.....	11
2.2 O panorama sociohistórico de Florianópolis e de Porto União.....	18
3. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO E <i>CORPUS</i>.....	22
3.1 A sociolinguística variacionista	22
3.2 O <i>corpus</i> , as variáveis investigadas e as hipóteses	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5. CONCLUSÕES.....	29
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema o estudo do processo de apagamento do rótico e o mapeamento dos tipos de realização do *R* em coda silábica final (Exemplos 1 e 2), na cidade de Porto União (SC). O objetivo principal deste trabalho é fazer uma comparação sociolinguística do comportamento linguístico dos falantes de Porto União (SC), a 430 km da capital, ao das cidades de Florianópolis, de Blumenau, a 147 km de distância da capital, de Itajaí, a 97 km de distância da capital, de Criciúma, a 191 km de distância da capital e de Lages, a 224 km de distância da capital (CARDOSO *et al.* 2014; SANTANA, 2017; OLIVEIRA, 2018; MARTINS, 2021). A comparação entre Florianópolis e as outras cidades mais interioranas toma como ponto de partida a hipótese de que o comportamento diferenciado exibido pela capital não se estenda às demais cidades em questão, visto que ela possui um diferencial geográfico, ser uma ilha, além de ter sofrido um processo de colonização peculiar, como será demonstrado em 2.2.

Exemplo 1: Eu acho que assobia[Ø] também. (Informante 4, Porto União).

Exemplo 2: Falado[Ø] né, conversa demais. (Informante 3, Porto União).

A pesquisa que resulta nesta monografia se filia à empreitada maior de descrição e mapeamento de 225 pontos interioranos do país, no âmbito do Projeto ALiB, *Atlas Linguístico do Brasil*. Além disso, também pretende fazer um apanhado histórico das localidades, buscando fatores que possam estar atrelados aos seus comportamentos linguísticos. As amostras de fala utilizadas foram recolhidas por representantes do projeto em trabalho de campo Brasil afora, e datam do ano de 2009. Em relação ao aporte teórico-metodológico, utilizamos a sociolinguística quantitativa de Labov (1994, 2001), que propõe a observação, a descrição e a análise das línguas em uso, correlacionando aspectos linguísticos e sociais para a investigação da sua variabilidade.

Existe uma vasta literatura sobre os róticos no Brasil, como veremos nas próximas seções deste trabalho. Estudos sociolinguísticos a respeito da realização dos róticos vêm sendo feitos desde o ano de 1970, utilizando amostras de fala semiespontânea, espontânea e lida. Podemos citar, referentes a dados da década de 70, os estudos de Callou e Moraes (1995) e Callou, Leite e Moraes (1996), que investigaram o processo de apagamento do *R* em Porto Alegre (RS), dentre outras capitais, utilizando dados do Projeto *NURC* (Norma Urbana Linguística Culta). Ademais, é importante também o trabalho de Monaretto (2002), referente à década de 90, para as capitais da região Sul (dados do VarSul). Através da observação dos

resultados desses trabalhos mais antigos e dos trabalhos recentes que investigam o fenômeno de apagamento do *R*, conseguimos depreender e descrever a mudança em curso no Brasil.

Sabemos que é grande a variabilidade de produção do chamado rótico entre as línguas do mundo, tornando-se um tema importante em diversos estudos científicos. Estudos anteriores mostram que existe uma diferença flagrante entre a categoria dos verbos e dos não-verbos, o que torna a testagem da classe morfológica essencial no procedimento de descrição do fenômeno.

O processo de apagamento do rótico no Brasil se encontra em estágios diferentes a depender da região. Na região Nordeste, este processo está muito avançado (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015), e atinge inclusive a posição de coda interna de palavra, e, na região Sul, a aplicação da regra variável ainda é tímida, principalmente na classe dos não-verbos (CARDOSO *et al.*, 2014; SERRA, CALLOU, KOROL & MARTINS, no prelo).

Os dados que serão comparados aos da cidade de Porto União (SC) neste trabalho são as pesquisas sociolinguística de Santana (2017), de Oliveira (2018) e de Martins (2021). A primeira, Santana (2017), mapeia as três capitais do Sul do Brasil em relação ao processo de apagamento do rótico, entretanto, nos interessam em particular os resultados referentes à capital de Santa Catarina, Florianópolis, que é o ponto de interesse comparativo desta monografia. Já o segundo, de Oliveira (2018), descreve e analisa o apagamento/manutenção do rótico, confrontando seis cidades do interior da região Sul do Brasil. Nesta monografia, interessam os resultados referentes às cidades de Lages e Criciúma, ambas em Santa Catarina. Por fim, o estudo de Martins (2021), que investigou as cidades de Blumenau (SC) e Itajaí (SC), no que tange ao mesmo processo, também será referido. Esta monografia dá continuidade, portanto, aos estudos que vem sendo desenvolvidos no âmbito do Projeto ALiB-Rio, que têm como objeto a descrição do avanço da regra variável do cancelamento do rótico e seus condicionamentos sociolinguísticos, incluindo mais uma cidade na análise: Porto União (SC).

A organização do presente trabalho se dá da seguinte maneira: na seção 2 é apresentada uma breve revisão da literatura acerca dos róticos, fundamental para esta pesquisa; na seção 3, são apresentados o aparato teórico-metodológico e o *corpus* da pesquisa; depois, na seção 4, apresentaremos os resultados finais de Porto União e sua discussão; e, na seção 5, serão feitas algumas reflexões finais e indicados os próximos passos da pesquisa.

2. Revisão da Literatura

2.1 A variação dos róticos no Sul do Brasil

O processo de apagamento do rótico já está avançado no Brasil, e é semicategórico em alguns dialetos. Como é sabido, tal fenômeno é gradiente regionalmente, apresenta restrições morfológicas, já que tem início na coda final dos verbos, para depois atingir a classe dos nomes, é uma mudança em curso de baixo pra cima, em termos labovianos, e, por fim, corre em paralelo às mudanças na articulação da consoante. Existe uma grande variabilidade de realização do rótico no Brasil, levando-se em conta a coda final, ou medial (CARDOSO *et alii*, 2014; CALLOU & SERRA, 2012). Podemos observar os índices de apagamento, em verbos e em não-verbos, além da distribuição das variantes, através das cartas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et alii*, 2014). 25 capitais do território nacional já foram mapeadas pelo Projeto ALiB, e diversas equipes de pesquisa Brasil afora seguem na empreitada de mapear 225 localidades do interior do país, na qual esta monografia se inclui.

Na carta F04 C2 do Atlas Linguístico do Brasil, presente na figura 1 abaixo, é notável o alto índice de ausência do segmento nos verbos, em todo país. Com exceção da cidade de Belo Horizonte, todas as demais capitais possuem maior índice de apagamento do que de realização do segmento em coda silábica final. Já na carta F04 C1, referente aos não-verbos (figura 2), notamos uma divergência em relação aos verbos, e é importante destacar que o apagamento nos não-verbos não é tão uniforme quanto nos verbos. O Nordeste, em todas as nove capitais, possui maior percentual de apagamento do que de manutenção, na categoria dos nomes, mostrando-se a região que lidera a aplicação do fenômeno. A capital nortista do Acre, Rio Branco, também mostra o mesmo comportamento. Já nas demais capitais, vemos a tendência de manutenção do segmento em não-verbos, com o processo de apagamento ainda tímido, principalmente no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste.



Figuras 1 e 2: Distribuição do cancelamento do rótico em coda final em verbos (esquerda) e em nomes (direita) - Cartas F04 C1 e F04 C2, Cardoso *et al.* (2014). Na legenda das figuras, a cor vermelha equivale à presença do segmento e a cor amarela equivale à ausência do mesmo.

Para a região Nordeste, o estudo de Callou, Serra e Cunha (2015) propõe que a distribuição do processo pode ser tripartida. Primeiro, nas capitais João Pessoa (Verbos (V): 97%, Não-Verbos (NV): 95%), Salvador (V: 97%, NV: 89%), Maceió (V: 98%, NV: 83%) e Fortaleza (V: 98%, NV: 83%) o processo atua de forma semelhante em verbos e em não-verbos (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015, p. 207). Em tais cidades, o processo de apagamento está muito avançado, principalmente na classe dos verbos, na qual o processo configura uma regra semicategórica (LABOV 1994, 2001). Depois, nas capitais Natal (V: 96%, NV: 71%), Recife (V: 98%, NV: 67%) e São Luís (V: 94%, NV: 62%), a classe morfológica ainda se mostra significativa, já que existe uma diferença relevante entre verbos e não-verbos. Por fim, em Aracaju e Teresina, o apagamento nos verbos é mais baixo do que nas cidades citadas anteriormente, 83% e 84%, respectivamente. E nos não-verbos o processo é intermediário, 53% e 58%, respectivamente.

Em relação à distribuição das variantes do rótico pelo Brasil, podemos perceber que predominam nas regiões Norte e Nordeste as variantes fricativas, que também predominam na região Sudeste, como indicado nas figuras 3 e 4 a seguir. A produção de tais variantes, com traço [-anterior], corresponderia à última etapa antes da queda segmental, segundo a hipótese da posteriorização, que no português do Brasil remonta a fins do século XIX (CALLOU, 1987; XAVIER, 2020; SERRA, CALLOU, KOROL & MARTINS, no prelo). Segundo essa hipótese, o apagamento do rótico é uma etapa final de um longo processo de enfraquecimento/posteriorização. Assim, as variantes que possuem traço [+anterior], como o

tepe e a aproximante retroflexa, seriam paulatinamente substituídas com o tempo, dentro desse processo de posteriorização, por variantes com o traço [-anterior], como as fricativas. Portanto, seguindo essa hipótese, nas regiões em que as variantes fricativas são predominantes ocorreriam os maiores índices de apagamento.

Essa hipótese parece se comprovar na região Nordeste, que encabeça o processo de apagamento, com altos índices em todas as capitais, onde predominam as variantes fricativas, quando da realização do segmento. Alguns estudos comentam, entretanto, que a posteriorização não é uma etapa fundamental para a queda do rótico em coda final, já que, na Região Sul, onde ainda prevalecem as variantes vibrantes anteriores (múltipla, simples e retroflexa), o processo pula etapas e a regra do cancelamento se aplica, principalmente nos verbos. Ademais, vale destacar que é na classe dos verbos que o fenômeno de apagamento avança primeiro, pois, nos verbos, o rótico é uma marca morfológica redundante, que co-ocorre com o acento lexical na sílaba final da palavra (Ex: viveR; participaR).



Figuras 3 e 4: Distribuição das variantes do rótico em coda final em verbos (esquerda) e em não-verbos (direita) - Cartas F04 C3 e C4, Cardoso *et al.* (2014). Na legenda das figuras, o vermelho representa a variante fricativa glotal, o amarelo, a fricativa velar, o azul, a retroflexa e o verde escuro, a tepe.

Notemos que Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS) têm as variantes tepe e aproximante retroflexa como predominantes, tanto em verbos como em não-verbos (Figuras 3 e 4), o que favorece a manutenção do segmento, de acordo com a hipótese da posteriorização. Essas duas cidades exibem um comportamento mais conservador, como podemos observar nas cartas do ALiB, em comparação com as demais capitais do Brasil. Florianópolis, por outro lado, possui

um comportamento inovador, com predomínio das variantes fricativa velar e tepe em verbos, e das fricativas velar e glotal, nos não-verbos.

O estudo variacionista de Santana (2017), também focalizando amostras de fala do ALiB, revela o seguinte panorama no Sul do Brasil: as três capitais, Curitiba (PR), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC), possuem altos percentuais de apagamento na categoria dos verbos, 87% (*Input* 0.91), 86% (*Input* 0.87) e 94% (*Input* 0.98), respectivamente, incluindo dados de falantes com nível de escolaridade fundamental e também com nível superior. É o caso, portanto, de uma regra variável, com a capital de Santa Catarina se aproximando de uma regra semicategórica (95-99%) (LABOV 1994, 2001). Por esta monografia utilizar-se apenas de informantes com nível fundamental, para fim de comparação, é importante focalizar os percentuais de apagamento de Santana referentes aos falantes menos escolarizados. Temos, então, para os menos escolarizados, na categoria dos verbos, os seguintes índices de apagamento: Curitiba (PR) com 90%, Porto Alegre (RS) com 87%, e Florianópolis com 97%. Nota-se que o processo de apagamento do rótico em verbos já é bem avançado, e, portanto, não carrega mais estigma, sendo bastante frequente na fala de indivíduos de diferentes graus de escolarização. Como sabemos, inicialmente, esse fenômeno era um marcador social. Porém, com o progressivo espalhamento do fenômeno, o estigma aos poucos se extinguiu (CALLOU & SERRA, 2012).

Já para a categoria dos não-verbos, nas três capitais supracitadas, o comportamento é bem diferenciado, tanto em comparação com a categoria dos verbos, como já é sabido, mas também é diferenciado entre as cidades em questão. Florianópolis lidera o processo de mudança sonora em direção ao cancelamento, já que apresenta um percentual de 41% de apagamento em não-verbos (de um total de 473 dados, com *input* 0.38). Em Curitiba e Porto Alegre o processo é ainda incipiente, com índices respectivos de 5% (*input* 0.05) e 7% (*input* 0.03). Esse comportamento poderia ser explicado, conjuntamente, pelo fator geográfico, pelo fato de Florianópolis ser uma ilha, e pelo fato de as três cidades terem passado por processos distintos de colonização, com predomínio de portugueses açorianos e madeirenses em Florianópolis, enquanto em Curitiba e Porto Alegre houve um predomínio de imigrantes alemães e italianos. (MONARETTO, 2002, *apud* SANTANA, 2017).

Segundo Santana (2017), os menos escolarizados de Florianópolis, na categoria dos não-verbos, obtiveram um percentual de apagamento de 55%, um pouco mais elevado que dos mais escolarizados (41%), diferentemente dos verbos, em que esse aumento foi sutil (97% e 94%, respectivamente). Já para a capital Porto Alegre (RS) o índice de apagamento em não-

verbos dos menos escolarizados foi de 11%, enquanto em Curitiba (PR) o processo de apagamento é incipiente, não sendo possível acusar fatores que exerçam influência sobre a regra variável.

A dissertação de Oliveira (2018) e o estudo de Oliveira *et al.* (2018) nos fornecem um mapeamento de duas cidades interioranas de Santa Catarina, Criciúma e Lages, além de duas cidades do Paraná e duas do Rio Grande do Sul, também no âmbito do projeto ALiB. Em Criciúma (SC), primeira das duas cidades de nosso interesse nesta monografia, a aproximadamente 195 km de distância de Florianópolis, foi observado um percentual alto de apagamento em verbos, com 97% (*input* 0.97), e em não-verbos um apagamento mais tímido, de 22% (*input* 0.22). Em Lages (SC), a aproximadamente 223 km da capital, os índices foram mais baixos, de 87% (*input* 0.87) de apagamento em verbos, e apenas 6% (*input* 0.06) em não-verbos. Lages, entre as seis cidades citadas neste trabalho, é a que apresenta o apagamento mais incipiente em não-verbos, não atingindo ainda vocábulos monossílabos, que são propensos à manutenção do segmento, e atingindo apenas os polissílabos.

Em Criciúma, os falantes têm preferência pela variante aproximante retroflexa, na classe dos verbos, com índice de 67% de ocorrência, e 66% em não-verbos, acompanhando uma tendência mais geral dos falares interioranos do Centro-Sul do Brasil. E, em Lages, os falantes realizam mais a variante tepe, com índice de 69% de ocorrência em verbos, e 50% na classe dos não-verbos. Em relação aos fatores selecionados pelo programa GoldVarb X, o contexto subsequente de consoante se mostrou favorável à aplicação da regra de apagamento, nas duas regiões, na classe dos verbos. A faixa etária do falante também foi selecionada pelo programa nos verbos, para as duas cidades, entretanto, em Criciúma, os mais velhos foram os inovadores, comandando o processo, enquanto em Lages são os mais jovens. A vogal antecedente foi selecionada apenas para os verbos de Criciúma, com as vogais [e] e [a] favorecendo o apagamento. Para os não-verbos, em ambas as cidades, a variável vogal antecedente também foi relevante. Criciúma tem as vogais [e] e [a] como favorecedoras, ao passo em que Lages é a vogal [ɛ]. Esse resultado referente às vogais do núcleo vai ao encontro da hipótese de que vogais mais anteriores favoreçam a queda segmental, em localizadas nas quais prevalecem também as realizações mais anteriores do rótico em coda silábica.

Por fim, no trabalho de conclusão de curso de Martins (2021), foram estudadas as cidades de Blumenau (SC) e Itajaí (SC). Esta monografia é uma extensão do tema de Martins, incluindo a cidade de Porto União (SC) no estudo comparativo. A hipótese levantada pelo autor, de que o comportamento apresentado por Florianópolis não se estenderia às cidades de

Blumenau e Itajaí, não se confirmou. Os índices de apagamento nas duas cidades são altos, tanto em verbos como em não-verbos. Para Blumenau, foi encontrado percentual de 98% em verbos (total de 289 dados) e 69% em não-verbos (total de 58 dados), já em Itajaí os percentuais são 99% (total de 271 dados) e 52% (total de 81 dados), respectivamente, para as duas categorias. Portanto, os resultados são, na verdade, bem próximos de Florianópolis, com o processo de apagamento até mais avançado.

Entretanto, em relação à distribuição das variantes, o cenário é um pouco diferente. Nos verbos de Blumenau, apenas 5 dados não sofreram apagamento, e dentre eles 4 são de fricativas e 1 de tepe, indo de encontro ao resultado de Florianópolis, onde, nos verbos, a variante predominante foi o tepe (48%), embora também ocorra a fricativa velar (42%). Em não-verbos, existe a concorrência entre quatro variantes distintas (fricativas, tepe, vibrante e aproximante), com a predominância do tepe em 50% dos dados. Apesar do pequeno número de dados, conseguimos traçar um perfil em comparação à capital catarinense. Os não-verbos de Blumenau também vão de encontro aos resultados da capital, já que a variante fricativa velar é a mais frequente no falar florianopolitano, com 69% de ocorrência (SANTANA, 2017).

Em relação às variáveis independentes, o programa não selecionou nenhuma como relevante para a aplicação da regra variável nos verbos de Blumenau, o que indica que o fenômeno está se aproximando de ser uma regra categórica. No que concerne aos não-verbos, houve a seleção de três fatores pelo programa GoldVarb X (*input* 0.69 e *significância* 0.003): o contexto subsequente, sexo do falante e a dimensão do vocábulo. O contexto subsequente de consoante se mostrou o mais propenso ao apagamento do segmento, com peso relativo de 0.90. No que diz respeito ao sexo do falante, única variável social selecionada, o sexo masculino se mostrou mais inovador, com peso relativo de 0.85. Por fim, os vocábulos polissílabos são os mais suscetíveis ao apagamento do rótico, com peso relativo de 0.63. Sabemos que vocábulos monossílabos tendem a manter o segmento, devido à saliência fônica do rótico em vocábulos menores.

A cidade de Itajaí é a que tem o processo de apagamento mais avançado em verbos do que todas as já mencionadas, com 99%, chegando perto de se tornar uma regra categórica. Do total de 271 dados, somente em dois o segmento se manteve. É notável no trabalho de Martins (2021) que as variantes de Itajaí, nas duas categorias, são compostas por fricativas, se tornando uma cidade mais inovadora, inclusive, que Florianópolis. Para os verbos (*input* 0.99; *significância* 0.049) apenas uma variável foi selecionada, o tipo de consoante subsequente,

com [d] apresentando peso relativo de 0.54, embora essa variável tenha sido questionada por Martins, já que a cidade apresenta regra quase categórica para os verbos.

Para os não-verbos (*input* 0.52; significância 0.037) quatro variáveis foram selecionadas: contexto subsequente, faixa etária do falante, fronteira prosódica e vogal antecedente ao rótico. Novamente, o contexto subsequente de consoante se mostrou o mais propenso ao apagamento, com peso relativo de 0.75, enquanto o contexto de pausa inibe o apagamento (P.R. 0.25). Os mais jovens são os que lideram o processo de apagamento, com peso relativo de 0.64. O terceiro fator selecionado foi a fronteira prosódica, com o sintagma entoacional (IP) favorecendo o apagamento (P.R: 0.63). A seleção da variável fronteira prosódica foi inicialmente analisada como ambígua por Martins (2021), visto que a fronteira de sintagma entoacional (IP), normalmente atrelada ao lócus de inserção de pausas e contexto mais propício à manutenção segmental, está propiciando o cancelamento. Mas, por outro lado, na fronteira mais baixa, de palavra prosódica, houve *knockout*, com 100% de cancelamento, o que comprova a hipótese inicial do autor de o apagamento ser mais frequente em fronteira interna à frase. A última variável selecionada foi o contexto antecedente, com as vogais [ɔ] e [a] favorecendo o fenômeno, com pesos relativos de 0.60 e 0.64, respectivamente. O resultado até certa medida inesperado levou o autor a postular a hipótese de a frequência vocabular estar influenciando a análise, por conta da grande repetição das palavras “melhor”, “maior” e “lugar” nos questionários do ALiB. Veremos se o comportamento descrito por Martins para Blumenau e Itajaí se estende, ou não, para a cidade de Porto União.

Ainda em relação às capitais da região Sul, Monaretto (2002) encontrou índice de 40% de apagamento em Curitiba (PR), 47% em Porto Alegre (RS) e 70% em Florianópolis, para os verbos e não-verbos em conjunto (MONARETTO *apud* SERRA, CALLOU, KOROL & MARTINS, no prelo). Para as cidades de Blumenau e Lages, Silveira (2010), em estudo referente à década de 90, utilizando amostras de fala do VarSul, gravadas entre 1988 e 1996, encontrou índice de 68% de apagamento, para as duas cidades, na classe de verbos e não-verbos em conjunto. Segundo Martins (2021), o índice de apagamento encontrado para Blumenau foi de 98% em verbos e 69% em não-verbos. Em Oliveira *et al.* (2018), foi encontrado um percentual de 87% de apagamento em verbos e 6% para não-verbos, em Lages. Mesmo que em Silveira (2010) os índices não estejam separados em classes de verbos e não-verbos, percebemos o quanto foi significativa o aumento da aplicação da regra de apagamento. Observar essa mudança ao longo dos anos só é possível devido aos esforços empenhados pelos pesquisadores da área no Brasil.

2.1 O panorama sociohistórico de Florianópolis e de Porto União

A atual cidade de Florianópolis, de acordo com dados retirados do site da Prefeitura (<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia>>), teve como primeiros habitantes os índios tupis-guaranis, que tinham como atividades a pesca, a coleta de moluscos, e também a agricultura. Já no início do século XVI, a Ilha de Santa Catarina era utilizada por embarcações como porto, que vinham em busca de mantimentos. Porém, é por volta de 1675 que a Ilha começa a ser de fato povoada, sob o nome de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. Quem dá início a essa povoação é Francisco Dias Velho, com sua família e agregados. A região da Ilha pertencia à Vila de Laguna, porém, no ano de 1726, Nossa Senhora do Desterro passa à categoria de Vila, separando-se de Laguna. Após o início da povoação, aumentou o fluxo de paulistas e vicentistas pelo litoral, que já era ocupado por portugueses imigrantes dos Açores e da Ilha da Madeira.

A posição privilegiada da Ilha resultou em uma ocupação militar a partir de 1737, que serviria como proteção dos domínios portugueses. A partir dessas ocupações, a agricultura se desenvolveu, além da indústria manufatureira de algodão e de linho. Já no século XIX, Nossa Senhora do Desterro é elevada à categoria de cidade, além disso, em 1823, torna-se capital da Província de Santa Catarina. Tais mudanças acarretaram um próspero período para a localidade, com o investimento de recursos federais. Foram feitas obras urbanas, melhorias no porto, entre outras obras urbanas. Porém, com a proclamação da República, em 1889, as resistências locais ao novo governo geraram uma diminuição desses recursos recebidos. Ademais, o nome da cidade foi mudado para “Florianópolis” como apenas uma das consequências de duas revoltas contra o governo republicano, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. O Marechal Floriano Peixoto conseguiu, após muitas mortes, dar fim a essas revoltas, e a cidade passou de Desterro a Florianópolis em sua homenagem, no ano de 1894, e tem como significado “Cidade de Floriano”.

Com a chegada do século XX avança o desenvolvimento urbano da cidade. Redes de energia elétrica são implementadas, assim como o sistema de fornecimento de água e captação de esgotos. Um marco foi a construção da Ponte Governador Hercílio Luz, em 1926, que - só no século XX, é importante dizer - liga a capital ao estado de Santa Catarina. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Florianópolis possui uma população estimada em 516 mil pessoas (2021), e um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0.847, considerado muito alto, de acordo com a classificação do IBGE (muito alto: 0,800 – 1). O IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, mede a qualidade de

vida de determinada localidade a partir de três pilares: longevidade, educação e renda. Ademais, a economia de Florianópolis tem base no comércio, prestação de serviços públicos, indústria de transformação e no turismo.

Em relação a Porto União, sabemos que o atual município foi criado em 1917, após a conclusão das revoltas do Contestado, que teve como um dos motivos principais a contestação dos limites entre Paraná e Santa Catarina. De acordo com o site do município (<<https://www.portouniao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/27526>>), anteriormente ao ano de 1917 o território fazia parte do Estado do Paraná, e era conhecido como União da Vitória. Atualmente, as duas cidades pertencem a estados distintos, separadas apenas pelo rio Iguazu e por uma linha férrea, e são conhecidas como “Gêmeas do Iguazu”. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a localidade possui uma população de aproximadamente 35 mil habitantes (IBGE, 2021) e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0.786 (IBGE, 2010). O IDH, como foi citado anteriormente, mede a qualidade de vida de determinada localidade a partir de três pilares: longevidade, educação e renda. Portanto, Porto União é uma cidade de pequeno porte, com IDH considerado alto, de acordo com a classificação do IBGE (índice alto: 0,700 – 0,799). A economia da região tem como base a esquadria de madeira, que representa 30% da produção nacional, além da produção rural de leite, milho e soja (<<https://www.portouniao.sc.gov.br/municipio/index/codMapaItem/18212>>).

Com o objetivo de fazer uma homenagem à cidade em que viveu de sua mocidade até a velhice, Cleto da Silva escreve o livro “Apontamentos históricos de União da Vitória”, destrinchando desde o período colonial até o ano de 1933. Já que Porto União se tornou parte de Santa Catarina apenas em 1917, o livro em questão abarca, até esta data, todo o território de União da Vitória, que hoje conhecemos como duas cidades distintas – Porto União e União da Vitória. Podemos, então, a partir da obra supracitada, depreender alguns momentos históricos da cidade em questão neste trabalho. O autor faz seções que abarcam três períodos: *Colonial*, *Império* e *Republicano*. No período colonial são relevantes as chamadas bandeiras, expedições que tinham como objetivo explorar o vasto território do interior do Brasil, procurando riquezas minerais, além de capturar indígenas, os primeiros habitantes da região, como mão de obra escrava, em nome de Portugal:

Daí, as marchas que se sucediam das inúmeras bandeiras, para as explorações aos sertões, onde os povoados surgiam como por encanto. Das paradas, que eram determinadas pela necessidade de renovação de viveres, nasciam as descobertas de tudo quanto o sertão guardava no seu seio. (DA SILVA, 1933, p. 17).

O responsável pelo início da exploração da região foi o capitão Antônio da Silveira Peixoto, em 17 de novembro de 1769. Ele embarcou no rio Iguaçu com o objetivo de chegar à sua foz e, nesse momento, nomeou o local como “Entrepasto de Nossa Senhora da Vitória”, às margens do rio. Esse é o primeiro nome dado ao território em questão.

No segundo período descrito pelo autor – o Império – ocorreram as expedições do coronel Pedro de Siqueira Cortes e do José Ferreira dos Santos, por volta do período de 1842 até 1852, e foi aberto um caminho conectando Porto da União da Vitória e os campos de Palmas (PR), ligando essas duas localidades até a de Palmeira (PR). Essas duas expedições saíram de Guarapuava (PR), no ano de 1839. O rio Iguaçu possui uma região facilitadora de passagem, na altura de Porto da União, já que é um ponto raso, que proporciona passagem sem riscos até Palmas (PR). Essa região foi muito bem aproveitada pelos exploradores da época. Surge, nesse momento, o segundo nome da região: Porto da União da Vitória (DA SILVA, 1933, p. 25).

Por fim, o terceiro período histórico detalhado pelo autor é o da República. Alguns anos antes da proclamação da república, em 1880, chega a Porto União da Vitória uma figura que entraria para a história da cidade, o coronel Amazonas de Araújo Marcondes. Ele era proprietário de uma grande fazenda, chamada de “Passo do Iguassú”. Tal propriedade foi dividida em lotes e estes foram vendidos a colonos de diversas nacionalidades. Ademais, o coronel Amazonas foi o responsável pelo início da navegação a vapor na região, pois ele desejava expandir suas transações comerciais para Palmas, lugar de onde viera, fornecendo sal dentre outras mercadorias aos fazendeiros (DA SILVA, 1933, p. 36). O coronel Amazonas tornou-se um homem público, primeiramente por receber cargo de 1º suplente do subdelegado de polícia da Freguesia de União da Vitória, em 1881. De acordo com Cleto da Silva, ele foi decisivo para o desenvolvimento do atual município de Porto União (DA SILVA, 1933, p. 37). Os primeiros colonos estrangeiros chegam à região no ano de 1881, trazidos a custos do Coronel Amazonas, em maioria de origem alemã (DA SILVA, 1933, p. 38).

Segundo o site Atlas Histórico do Brasil, da *Fundação Getúlio Vargas (FGV)*, (<https://atlas.fgv.br/verbetes/guerra-do-contestado>), o período chamado de Contestado é complexo e seu nome não contempla toda a magnitude dos acontecimentos, que eclodiram em 1912, já que a contestação dos limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina foi apenas um ponto que caracterizou a revolta:

Apesar de insuficiente, o título diz muito sobre aqueles que possuem poder de registrar os feitos históricos, assim como sobre a prioridade política na resolução desse conflito: com a intervenção federal na região – ocorrida em setembro de 1914 –, urgia eliminar a disputa entre as lideranças políticas dos estados vizinhos e impedir

que o movimento se alastrasse para além das fronteiras paranaenses e catarinenses. Tais disputas colocavam em risco o domínio das oligarquias e ameaçavam comprometer o jogo político nacional (Atlas Histórico do Brasil – FGV, 2016).

O começo do Contestado se deu em torno da figura de José Maria, um curandeiro que a população catarinense denominou monge. Entretanto, o superintendente do município catarinense de Curitiba, temendo uma oposição política, acionou o presidente do estado alegando “um ajuntamento de fanáticos”, com o objetivo de proclamar uma monarquia no Sul do Brasil. Vidal Ramos, presidente do estado, expulsou a população, que migrou para uma região de fronteira com o Paraná. Essa migração foi interpretada pelos paranaenses como uma tentativa de tomada de posse de um território contestado judicialmente. Esses supostos invasores foram expulsos pelo governador do Paraná, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, em um conflito que resultou em quase vinte mortes. Em 1913, o movimento começou a tomar forma e agregar novos seguidores, adquirindo características messiânicas. Ademais, pessoas com interesses diversos começaram a constituir o grupo:

Além disso, passou a agregar pessoas com interesses e proveniências diversas: opositores dos coronéis locais, desempregados da ferrovia que atravessava a região, a Brazil Railway Company, ex-funcionários da madeireira e colonizadora internacional Southern Brazil Lumber and Colonization Company, fazendeiros interessados na questão de limites territoriais e aventureiros. Somaram-se a esses os pobres e despossuídos de suas terras, vítimas das atividades de grilagem expandidas na região com a chegada do capital estrangeiro, representado pelas empresas citadas, todas ligadas ao grupo de Percival Farquhar (Atlas Histórico do Brasil – FGV, 2016).

Em fevereiro de 1914, após algumas tentativas, o movimento organizado na localidade de Taquaruçu foi destruído, contando com a morte de mulheres, crianças e idosos durante as ações militares, o que só fortaleceu o movimento sertanejo. Era pauta do movimento reivindicações como a deposição política de coronéis da região, a distribuição e o reconhecimento de títulos de terras aos sertanejos e, também, a resolução do litígio de limites territoriais favorável à Santa Catarina. Nesse mesmo ano, as forças militares federais entraram com sua estratégia bélica, a fim de encerrar as revoltas do Contestado, e em 1915 já havia desmobilizado o movimento, a custo de muitas mortes. Em 1916, foi assinado o tratado de limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, em cerimônia no palácio presidencial, no Rio de Janeiro, e foi aclamado pela imprensa como marco de pacificação dos conflitos do Contestado.

Florianópolis, como vimos, teve ocupação de paulistas e vicentistas pelo litoral, onde já existiam portugueses imigrantes dos Açores e da Ilha da Madeira. A posição relativamente isolada da cidade, por se tratar de uma ilha, foi estratégica em sua ocupação, já que facilitava

a proteção dos territórios portugueses, resultando, inclusive, em uma ocupação militar a partir de 1737. Já Porto União, além de ter sua exploração iniciada de forma tardia em relação à capital, por se tratar de uma cidade mais interiorana, teve sua ocupação como resultado das expedições conhecidas como bandeiras, o que revela a significativa diferença entre os dois processos de colonização. Podemos dizer, portanto, que é fundamental conhecer a formação sociohistórica e linguística das cidades, para que seja possível traçar um paralelo com o comportamento linguístico atual.

3. Aporte teórico-metodológico e *corpus*

3.1 A sociolinguística variacionista

Este trabalho tem como aparato teórico-metodológico a sociolinguística quantitativa desenvolvida por Labov (1994, 2001), que propõe uma investigação das línguas em uso, correlacionando aspectos linguísticos e sociais para a investigação da sua variabilidade. De acordo com esta teoria, a variação linguística pode ser explicada por fatores externos ou internos à língua, além disso, ela é um princípio geral e universal, existente em todas as línguas naturais, passível de ser descrita e analisada cientificamente de forma ordenada. Portanto, um fenômeno variável, como o apagamento do rótico em coda final, desenvolvido ao longo desta monografia, possui sistematicidade, e pode ser mensurado estatisticamente, levando em conta grupos de fatores, estruturais e sociais, que vão motivar a alternância de uso das variantes.

Outro pressuposto da teoria supracitada é a inter-relação entre variação e mudança linguística. A mudança ocorre de modo gradual, não abrupta, ou seja, implica um estágio de variação, obrigatoriamente. Entretanto, nem todo fenômeno variável caminha para uma mudança, podendo permanecer estável. A mudança é uma possibilidade dentro de um processo de variação. Pagotto, quando apresenta a sociolinguística variacionista, salienta que: “O principal problema de investigar a mudança linguística é tentar observar de que maneira uma variante inovadora se espalha e toma lugares de variantes conservadoras, isto é, que existiam anteriormente no sistema da comunidade”. (PAGOTTO, 2006, p. 64). Diversos fatores podem exercer influências para que formas concorrentes resultem, ou não, em uma mudança linguística; e é a atuação desses fatores - ou variáveis independentes - que nos interessa determinar, para a aplicação da regra variável em estudo, que é o próprio processo de cancelamento do *R* final.

3.2 O *corpus*, as variáveis investigadas e as hipóteses

O presente trabalho utiliza amostras de fala semiespontânea e espontânea, obtidas através de questionários pertencentes ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB - CARDOSO et alii, 2014). Vale comentar que os dados da pesquisa foram recolhidos tanto da parte relativa aos questionários, com contextos maiores de produção, quanto das partes em que houve conversas entre entrevistador e informante. Contamos, nesta pesquisa, com quatro informantes da cidade de Porto União, estratificados por sexo e faixa etária. Dos quatro informantes, dois são do sexo masculino e dois do sexo feminino, representantes de duas faixas etárias, sendo a primeira de 18 a 30 anos, e a segunda de 50 a 65 anos, e todos possuem até escolaridade fundamental. Os passos metodológicos da pesquisa incluem a transcrição dos questionários do ALiB, a codificação sociolinguística dos dados e a análise à luz da teoria da sociolinguística quantitativa; a análise estatística foi efetuada com o auxílio do programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005).

As variáveis investigadas neste estudo são de natureza linguística e extralinguística. As variáveis sociais são as seguintes: sexo (masculino e feminino), faixa etária (mais jovens e mais velhos). Já as variáveis linguísticas são as seguintes: dimensão do vocábulo (monossílabos e polissílabos), contexto subsequente (consoante e pausa), tipo de consoante subsequente ([b], [k], [d], [f], [g], [ʒ], [m], [l], [n], [p], [s], [ʃ], [t], [v] e [z]) e o contexto antecedente ([a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ] e [u]). São feitas rodadas separadas para verbos e não-verbos, a variável dependente é o cancelamento *versus* a realização do rótico e o valor de aplicação nas rodadas é o cancelamento.

Após a finalização das transcrições dos questionários, obtivemos um total de 480 dados, sendo 370 de verbos e 110 de não-verbos. O próximo passo foi codificar os dados considerando as variáveis. Depois do processo de codificação, os dados foram rodados e analisados estatisticamente com o programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Os dados válidos para esta pesquisa são vocábulos terminados por *R* com contexto subsequente de consoante ou pausa; foram descartados os dados com o contexto subsequente de vogal, visto que este é o lócus para a aplicação de outro fenômeno variável, o de ressilabificação (SERRA e ALVES, 2019), como no exemplo 3, a seguir.

Exemplo 3: Também é a onda, só que do ma[re] diferente. (Informante 4, Porto União)

As variáveis independentes testadas foram postuladas a partir de hipóteses em relação à sua influência sobre a regra variável em questão, o cancelamento do rótico. A variável

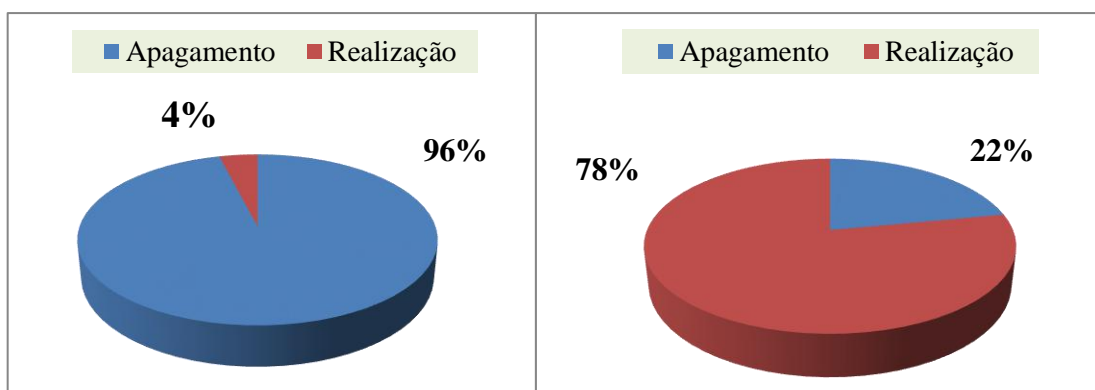
dimensão do vocábulo tem como hipótese o apagamento ser mais frequente em vocábulos polissílabos, por conta da menor saliência fônica do segmento em vocábulos maiores em comparação com vocábulos monossílabos. O contexto subsequente ao rótico diz respeito à hipótese de que uma consoante subsequente propicia mais a queda do segmento do que o contexto de pausa, por motivos prosódicos relacionados à fronteira de frase. Já as variáveis consoante subsequente e vogal que antecede o rótico têm como hipótese que consoantes e vogais de articulação aproximada à dos róticos favorecem o cancelamento (SERRA, CALLOU, KOROL & MARTINS, no prelo). As quatro são variáveis linguísticas, e as variáveis sociais são o sexo e a faixa etária dos falantes. Em hipótese, os falantes mais novos tendem a assumir comportamento mais inovador que os mais velhos e, quando o fenômeno não sofre estigma, as mulheres lideram a mudança sonora.

Por último, postulamos a hipótese de que as cidades mais interioranas de Santa Catarina, como é o caso de Porto União, por serem mais distantes da cidade de Florianópolis, poderiam apresentar um comportamento diferenciado em relação à capital. De acordo com Pagotto (2001), no século XVIII, os colonos chegados do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira habitaram a região da ilha e também o litoral, não expandindo sua ocupação para o interior. Tal fato poderia influenciar o comportamento diferenciado de Florianópolis, não se estendendo às cidades interioranas. Ademais, Florianópolis, por ser uma ilha, possui um relativo isolamento geográfico. Somente no século XX, com a construção da Ponte Hercílio Luz, em 1926, a passagem do interior para a ilha, e vice-versa, tornou-se facilitada. Portanto, em hipótese, o processo de apagamento do rótico em coda final, já muito frequente na capital catarinense, poderia estar menos avançado no interior. Passemos, então, à nossa próxima seção, de apresentação de resultados e discussão.

4. Resultados e discussão

A hipótese levantada para este trabalho, de que as cidades mais interioranas poderiam apresentar comportamento diferenciado em relação à capital, Florianópolis, por conta de seu relativo isolamento geográfico e diferentes processos de colonização, se confirmou parcialmente. Obtivemos um percentual alto de apagamento em verbos para Porto União, em um total de 370 dados (gráficos 1 e 2), configurando uma regra semicategórica (95-99%) (LABOV, 1994, 2001), com apenas 16 dados de realização. Ou seja, como em todo o Brasil, em verbos, a mudança sonora no sentido da queda segmental está praticamente concluída.

Por outro lado, em não-verbos, a aplicação da regra variável foi relativamente baixa, em um total de 110 dados, contando com 24 dados de apagamento (gráficos 1 e 2). Em Florianópolis, Santana (2017) contabilizou 55% de apagamento entre os menos escolarizados, de um total de 242 dados, e 41% de apagamento geral (*input*: 0.38) na categoria dos não-verbos (considerando todos os informantes), em um total de 473 dados. A probabilidade de ocorrer apagamento é maior entre os menos escolarizados (P.R.: 0.67). Vemos, portanto, que há de fato diferenças entre o comportamento linguístico de manezinhos e de porto-unionenses, no que respeita aos róticos, em função de os falantes de Porto União apresentarem comportamento mais conservador. Isso também acontece em relação às variantes preferidas em cada cidade, quando o rótico em coda final é realizado.



Gráficos 1 e 2: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos (esquerda) e em não-verbos (direita) de Porto União (SC).

Em relação à distribuição das variantes, vemos, na tabela 1, a seguir, que os falantes de Porto União têm preferência pela aproximante retroflexa, tanto nos verbos como nos não-verbos, acompanhando uma tendência mais geral dos falares interioranos do Centro-Sul do país. Retomando os resultados da capital de Santa Catarina, temos, para os verbos, a prevalência da variante tepe (48%) e da variante fricativa velar (42%), enquanto que, para os não-verbos, temos prevalência da variante fricativa velar (69%).

VARIANTES EM VERBOS	Oco./total	%
<u>Aproximante Retroflexa</u>	15/16	94%
Tepe Alveolar	1/16	6%

VARIANTES EM NÃO- VERBOS	Oco./total	%
<u>Aproximante Retroflexa</u>	75/86	87%
Tepe Alveolar	11/86	13%

Tabela 1: Distribuição das variantes do *R* em coda silábica externa de verbos e não-verbos, respectivamente, em Porto União (SC).

Passando para a etapa da estatística inferencial, aquela que nos informa sobre a probabilidade de aplicação da regra variável e os seus possíveis condicionamentos, realizamos uma primeira rodada estatística no programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), para a categoria dos verbos, na qual não foi selecionada nenhuma variável como favorecedora do processo. Em função de o apagamento do rótico já estar em etapa tão avançada na cidade de Porto União, poderia não ser mais sensível às variáveis testadas. De toda forma, em hipótese, os resultados poderiam estar sendo enviesados, por conta das variáveis sociais sexo e idade, já que o número de informantes é pequeno.

Realizamos, então, uma segunda rodada estatística para os verbos de Porto União, em uma tentativa de elucidar os resultados obtidos. Na segunda rodada, excluímos as variáveis sociais, sexo e faixa etária dos falantes, acreditando que alguma variável poderia ser selecionada após essa exclusão, já que contamos com apenas um informante por perfil social. Entretanto, após a realização da segunda rodada estatística, nenhum resultado foi alterado e variáveis não foram selecionadas. O *input* de ambas as rodadas foi de .96.

Já para a categoria dos não-verbos, o *input* geral da rodada foi de 0.22 (significância: 0.01) e foi selecionada apenas uma variável, o contexto subsequente, com as consoantes favorecendo o cancelamento. O contexto subsequente de pausa se mostrou inibidor do processo. Essa variável já se mostrou relevante em outros trabalhos. Em Santana (2017), foi selecionada para os verbos de Florianópolis (P.R.: 0.59) e em Oliveira *et al.* (2018), o contexto de consoante também favoreceu o processo, tanto para Criciúma (P.R.: 0.91), como para Lages (P.R.: 0.63).

Contexto Subsequente	Oco./total	%	P.R.
<u>Consoante</u>	20/68	62%	0.63

Pausa	4/42	38%	0.30
-------	------	-----	------

Tabela 2: Distribuição do apagamento do *R* em coda externa nos não-verbos de Porto União (SC) de acordo com o contexto subsequente.

A partir do quadro abaixo, contendo os principais resultados em relação ao apagamento nas seis cidades citadas neste trabalho, podemos traçar um panorama comparativo. Em relação aos verbos, como já foi dito, o apagamento já é bem avançado, configurando regra semicategórica em todas as cidades, com exceção de Lages, a cidade com o processo mais tardio.

Já em relação aos não-verbos, podemos fazer uma divisão em três blocos. No primeiro, temos Florianópolis, Blumenau e Itajaí, com altos índices de apagamento, dominando a inovação no Sul do Brasil. No segundo, temos Porto União e Criciúma, com índices intermediários de apagamento, e, ao que tudo indica, avançando rumo ao aumento da aplicação da regra variável. Por fim, temos Lages, com um apagamento tímido e incipiente, se aproximando das outras duas capitais do Sul, Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS), como mencionado no início deste trabalho.

No que tange à distribuição das variantes, as cidades de Porto União e Criciúma possuem em comum a preferência pela variante aproximante retroflexa. Em Lages, predomina a variante tepe. Por fim, em Florianópolis, Blumenau e Itajaí, a distribuição é diferente. Itajaí tem preferência pelas fricativas, tanto em verbos como em não-verbos. Nos verbos de Blumenau, a preferência é pelas fricativas, enquanto que nos verbos de Florianópolis a variante mais comum é o tepe alveolar, seguida da fricativa velar. E, nos não-verbos, Blumenau tem preferência pelas variantes fricativas e tepe, enquanto em Florianópolis a fricativa velar domina na categoria.

ESTUDO	CIDADE	APAGAMENTO	VARIANTES
SANTANA (2017)	FLORIANÓPOLIS	94%/97% (VERBOS) 41%/55% (NÃO- VERBOS)	FRICATIVA VELAR E TEPE
OLIVEIRA (2018)	CRICIÚMA	97% (VERBOS) 22% (NÃO- VERBOS)	APROXIMANTE RETROFLEXA

OLIVEIRA (2018)	LAGES	87% (VERBOS) 6% (NÃO- VERBOS)	TEPE
MARTINS (2021)	BLUMENAU	98% (VERBOS) 69% (NÃO- VERBOS)	FRICATIVAS EM VERBOS TEPE E FRICATIVAS EM NÃO-VERBOS
MARTINS (2021)	ITAJAÍ	99% (VERBOS) 52% (NÃO- VERBOS)	FRICATIVAS
MELLO (2021)	PORTO UNIÃO	96% (VERBOS) 22% (NÃO- VERBOS)	APROXIMANTE RETROFLEXA

Quadro 1: Distribuição das variantes do *R* em verbos e não-verbos da capital Florianópolis e outras cidades do interior de Santa Catarina já estudadas.

Na imagem abaixo foram destacadas as seis cidades mencionadas nesta monografia, para melhor visualização de sua localidade no estado de Santa Catarina. Nota-se que Blumenau e Itajaí são as cidades mais próximas da capital, Florianópolis. Enquanto Porto União, foco desta monografia, Criciúma e Lages são as cidades mais interioranas de todas as estudadas até o presente momento, com base no *corpus* do Projeto ALiB.

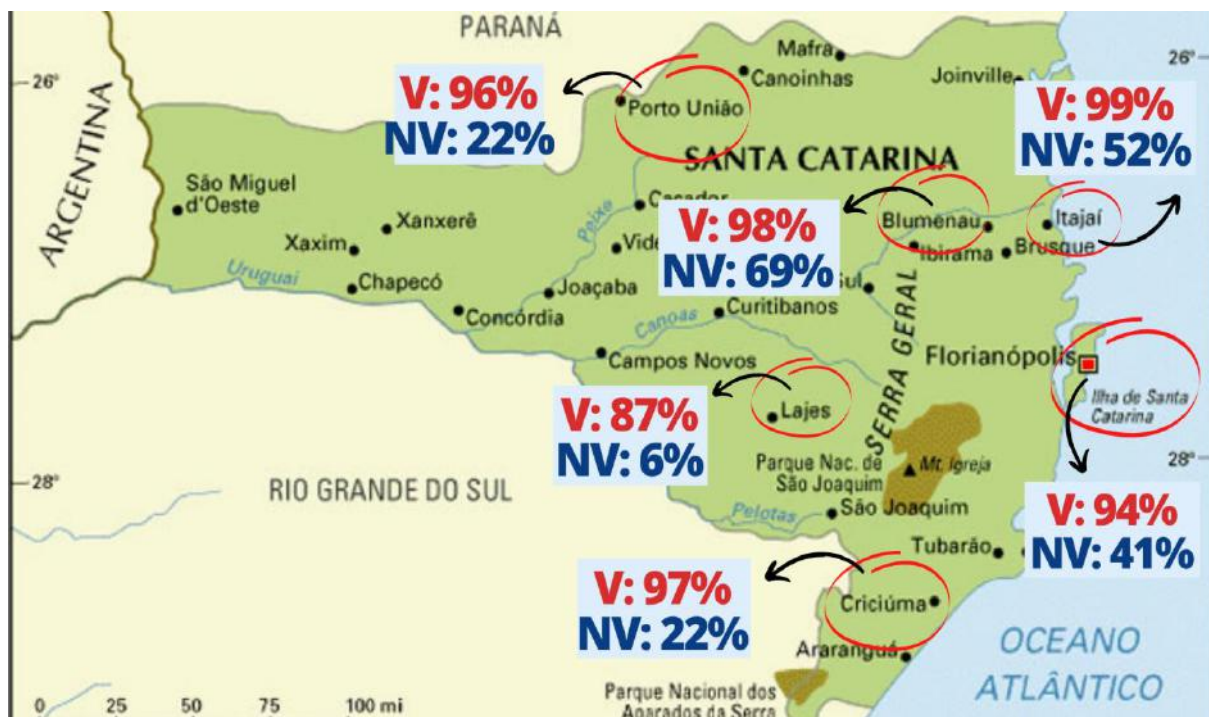


Figura 5: Localidades das seis cidades de Santa Catarina em questão neste trabalho (V= verbos e NV= não-verbos). Fonte: <https://www.v-brazil.com/tourism/santa-catarina/map-santa-catarina.html>

5. Conclusões

A hipótese levantada nesta monografia, de que as cidades mais interioranas de Santa Catarina, como é Porto União, por serem mais distantes da cidade de Florianópolis, poderiam apresentar um comportamento diferenciado em relação à capital, se confirmou parcialmente. A cidade de Porto União possui alto índice de apagamento nos verbos, assim como as outras cidades utilizadas neste trabalho comparativo, incluindo Florianópolis. Entretanto, na categoria dos não-verbos, os resultados de Porto União se mostraram diferentes dos de Florianópolis, apresentando comportamento mais conservador em relação à capital, com percentual de apenas 22% de apagamento. A distribuição das variantes dos porto-unionenses também é mais conservadora do que a dos manezinhos, com os falantes preferindo a variante aproximante retroflexa em ambas as categorias.

As cidades de Blumenau e Itajaí, mais próximas da capital, apresentam percentuais altos de apagamento na classe dos não-verbos, até mais altos que da capital, exibindo comportamento mais inovador. As cidades de Criciúma, Lajes e Porto União são as mais afastadas da capital, e esse fator pode colaborar para que os índices de apagamento em não-verbos ainda sejam tímidos. A distribuição das variantes também não foi uniforme, com tendência à competição de variantes em algumas das cidades. Porto União e Criciúma são as

idades mais próximas nesse ponto, já que seus falantes têm preferência pela variante aproximante retroflexa. Para o futuro, pretende-se aumentar o número de cidades em estudo, para poder observar um panorama mais completo das cidades de Santa Catarina, além de aprofundar questões sociohistóricas que possam contribuir com a análise.

A única variável selecionada nesta pesquisa foi o contexto subsequente ao rótico, na classe dos não-verbos. Observamos que o contexto subsequente de consoante favorece a queda do segmento (P.R.: 0.63), enquanto que o contexto subsequente de pausa se mostrou inibidor da aplicação da regra variável de cancelamento (P.R.: 0.30). A hipótese por trás dessa variável diz respeito à perda do segmento ser mais frequente nas fronteiras mais baixas (Pw e PhP, Palavra Prosódica e Sintagma Fonológico, respectivamente) relativamente à fronteira mais alta de IP (Sintagma Entoacional), que está associada à presença de pausa e dos movimentos melódicos principais das frases (SERRA, CALLOU, KOROL & MARTINS, no prelo).

Por fim, com o estudo comparativo realizado, conseguimos depreender o comportamento linguístico de algumas das cidades do interior de Santa Catarina e também, de forma mais geral, das capitais da região Sul do Brasil, o que possibilita indicar que o processo de apagamento avança no estado de Santa Catarina, e também avança nas capitais Curitiba e Porto Alegre. Porém, comparando com outras regiões do país, como o Norte e Nordeste, que encabeçam o processo de apagamento, com altos índices em todas as capitais, o processo de cancelamento do rótico ainda está menos difundido, especialmente entre os não-verbos.

Referências Bibliográficas

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Gramática do Português Falado. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 465-493, 1996.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. Condicionamentos sócio e geolinguísticos na realização do *R* no português do Brasil. Estudos Linguísticos e Literários. Salvador, v. 17, p. 69-78, 1995.

CALLOU, D., SERRA, C. & CUNHA, C. (2015) Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do *R* no dialeto nordestino. In: HORA, D. & BATTISTI, E. (Org.) Revista da Abralín. V. 14, n. 1, 2015.

CALLOU, D. & SERRA, C. (2012). Variação do rótico e estrutura prosódica. In: Revista do GELNE. v. 14, no Especial, p. 41-58.

CALLOU, D. (1987) Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.

CARDOSO, S. et alii. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

Comitê Nacional do ALiB (Brasil). Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2009. Londrina: Ed. UEL, 2001.

DA SILVA, Cleto. Apontamentos Históricos de União da Vitória 1768-1933. 1ª edição. Curitiba: Max Roesner & Filhos, 1933.

LABOV, W. Principles of linguistic change. Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

OLIVEIRA, I; SANTANA, M.; XAVIER, K. & SERRA, C. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no Corpus do ALiB. In. Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários. v. 20: Numero Especial "História linguística e social, Fonética-Fonologia-Prosódia, Variação e Mudança Linguística: homenagem a Dinah Callou", p. 334-364, 2018.

OLIVEIRA, I.C. Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no corpus do Projeto ALiB. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2018.

PAGOTTO, E. G. Variação e(é) identidade. 2001. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAGOTTO, E. G. 2006. "Sociolinguística". In: Pfeiffer, C. C. & Nunes, J. H. (org). Introdução às Ciências da Linguagem – Linguagem, História e Conhecimento. 1ª ed. Campinas: Pontes, p. 49-72.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, M. O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

SERRA, C. CALLOU, D. KOROL, C. MARTINS, L. Variação e mudança do rótico em coda final: a região Sul resiste (como pode?). (no prelo).

SERRA, C.; ALVES, M. G. Ressilabificação do rótico e fronteiras prosódicas no Sul do Brasil. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 47-73, jan./jul. 2019.

SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.

Fontes:

Site do Município de Porto União. Disponível em: <<https://www.portouniao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/27526>>. Acesso em: 15/09/2021.

IBGE cidades e estados, Porto União. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/porto-uniao.html>>. Acesso em: 15/09/2021.

IBGE cidades e estados, Florianópolis. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html>>. Acesso em: 17/09/2021.

Atlas histórico do Brasil – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/guerra-do-contestado>>. Acesso em: 20/09/2021.